



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana esvaziada no Brasil, com foco na política fiscal. No exterior, atenções voltadas ao BCE e dados de atividade.

- No Brasil, a agenda econômica da semana é bastante esvaziada e tem atenção dividida entre a política fiscal e novos dados de atividade.** Na sexta-feira (24), o Governo Federal publica o 3º Relatório Bimestral de Avaliação de Receitas e Despesas de 2026, que deve atualizar o quadro fiscal e a eventual necessidade de bloqueios no Orçamento. Apesar da pressão das despesas obrigatórias, a expectativa é de poucos ajustes em relação aos R\$ 23,7 bilhões já bloqueados, com a arrecadação ainda forte reduzindo a probabilidade de contingenciamentos para cumprimento da meta fiscal. Esse quadro pode ser complementado na semana com a divulgação, pela Receita Federal, dos dados de arrecadação de junho.
- Na atividade, a FGV divulga o Monitor do PIB de maio nesta segunda (20), que deve reforçar a leitura de perda de tração da economia.** Assim como o IBC-Br, calculado pelo BC e divulgado nesta sexta ([ver pgs. 3-5](#)), o Monitor deve confirmar o arrefecimento da atividade no 2T26, em um contexto em que o IBGE já apontou retração nos principais setores em maio: setor de serviços (-0,4%), produção industrial (-0,2%) e vendas no varejo ampliado (-0,2%).
- A agenda também é enxuta no cenário internacional, com destaque para a reunião de política monetária do Banco Central Europeu (BCE), nesta quinta (23).** O consenso de mercado espera manutenção dos juros, com a taxa de depósitos permanecendo em 2,25% a.a., após a alta de 0,25 pp promovida pelo Conselho de Governadores na reunião anterior, a primeira elevação em quase três anos. A inflação mostrou certo arrefecimento na última leitura, o que deve apoiar a decisão, embora siga acima da meta de 2% e bastante sujeita aos riscos associados aos preços de energia e às incertezas geopolíticas. A atenção dos agentes deve se concentrar na sinalização da autoridade monetária sobre os próximos passos, que pode manter o viés de uma nova alta ainda neste ano.
- A semana também traz as leituras preliminares de julho dos índices PMIs dos EUA e da Europa.** Nos EUA, os indicadores devem seguir apontando um quadro de crescimento moderado, beneficiado no período pela realização da Copa do Mundo de futebol, com impulso especialmente ao setor de serviços, efeito que tende a se dissipar nas próximas leituras. Já na Zona do Euro, os indicadores devem mostrar certa recuperação da atividade, favorecida pela acomodação recente dos preços de energia, embora ainda de forma gradual e com desempenho tímido. Os dados serão divulgados na sexta (24) pela manhã.
- Por fim, ontem (19) na China, o banco central (PBoC) manteve inalteradas as taxas de juros Prime, em linha com o esperado.** Os juros de 1 ano e 5 anos permaneceram em 3,00% aa e 3,50% aa, respectivamente. A decisão ocorre após a divulgação de um PIB do 2T26 abaixo do esperado, que reforçou a percepção de desaceleração da atividade, mantendo os investidores atentos à possibilidade de novas medidas de estímulo nos próximos meses.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
20/jul	FGV: Monitor do PIB	Mai/26	-	0,1% m/m 1,8% a/a
24/jul	Relatório Bimestral de Receitas e Despesas	3º bi/26	-	-
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jun/26	-	10,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/jul	China	Taxas de Juros Prime: 1 ano e 5 anos	Jul/26	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
23/jul	Zona do Euro	BCE: Reunião de Política Monetária	-	2,25% aa; 2,35% aa; 2,65% aa	2,25% aa; 2,35% aa; 2,65% aa
23/jul	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jul/26 - prévia	-17,0 pts	-17,7 pts
24/jul	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jul/26 - prévia	51,5 pts / 49,8 pts	51,4 pts / 49,4 pts
24/jul	EUA	Alvarás para novas construções	Jun/26 - final	-3,0% m/m	-0,9% m/m
24/jul	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jul/26 - prévia	54,5 pts / 51,5 pts	53,9 pts / 51,2 pts
24/jul	EUA	Vendas de novas casas	Jun/26	4,6% m/m	-7,3% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores de atividade voltam a trazer sinais de acomodação no 2T26

As leituras mais recentes dos indicadores de atividade seguem apontando para uma acomodação gradual da economia. Em maio, o indicador IBC-Br, prévia mensal do PIB apurada pelo Banco Central, ficou praticamente estável (+0,1%). Já os indicadores setoriais do IBGE apontaram queda no mês: o volume de serviços recuou 0,4%, abaixo da expectativa (+0,1%), enquanto o varejo ampliado também surpreendeu negativamente, com queda de 0,2%, ante expectativa de crescimento de 0,9%. Em conjunto, os dados reforçam um quadro de menor dinamismo da atividade no 2º trimestre, ainda que, por ora, sem sinais de uma queda mais intensa.

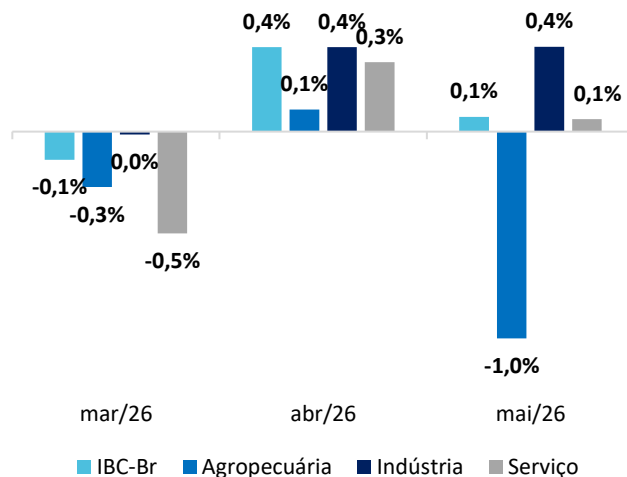
O indicador de atividade do Banco Central mostrou que a economia ficou praticamente estável em maio. O Banco Central divulgou, nesta sexta-feira (17), a leitura do IBC-Br, que indicou alta de 0,1% em maio ante abril. O resultado ficou acima da expectativa do mercado (-0,1%). Na comparação interanual, o indicador avançou 0,8% e, em 12 meses, seguiu mostrando desaceleração da atividade, com crescimento de 1,4% (ante +1,6% em abril).

No mês, o setor industrial (+0,4%) continuou dando suporte à atividade, enquanto o setor de serviços mostrou relativa estabilidade (+0,1%), e a agropecuária recuou 1,0%. Apesar do melhor resultado do mês, a indústria segue em processo de acomodação, mesmo com o impulso da indústria extrativa e da produção de derivados de petróleo. Em 12 meses, a indústria acumula crescimento de 0,5% (ante 1,1% em jan/26), o menor dentre os principais setores.

A surpresa levemente positiva do indicador, no entanto, não altera a leitura de desaceleração da atividade, mesmo em um contexto de suporte de políticas de estímulo à demanda. O *carry-over* para o 2T26 segue em 0,5%, ante crescimento observado de 1,2% no 1º trimestre. Para o ano, o carregue segue em 1,8%. O cenário, portanto, ainda é de perda de tração da economia após crescimento mais robusto no 1T26.

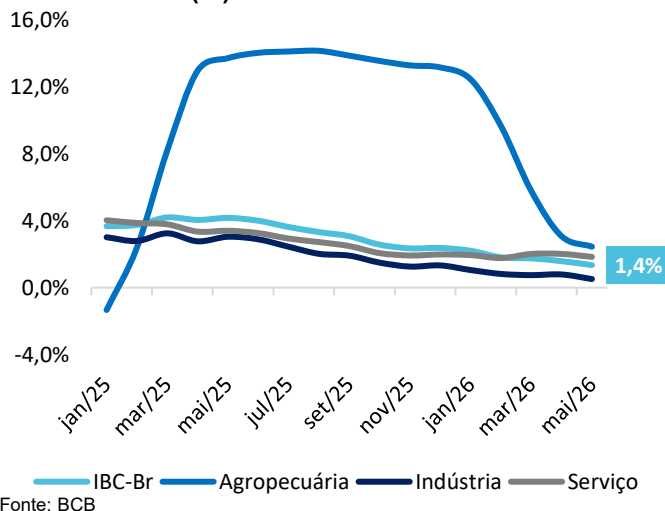
No setor de serviços, a queda de maio (-0,4%) foi explicada pelo desempenho negativo da atividade de transportes (-1,0%) e dos "outros serviços" (-1,9%). A concentração da retração nesses segmentos sugere cautela na interpretação do resultado, uma vez que o recuo do mês pode refletir mais uma acomodação pontual do que uma piora generalizada do setor.

Quadro 1: IBC-Br
Var. (%) mensal (dessazonalizado)



Fonte: BCB

Quadro 2: IBC-Br
Var. (%) acumulado em 12 meses



Fonte: BCB

Em transportes, a queda reverte parcialmente a alta de 0,9% observada em abril, com destaque para o desempenho negativo de armazenagem e correios (-1,1%), segmento que vinha apresentando trajetória positiva ao longo do ano. Já em outros serviços, o recuo também devolve parte do avanço de abril (+1,9%), em uma categoria que segue exibindo volatilidade elevada e ausência de tendência clara nos últimos meses. Em 12 meses, transportes acumulam alta de 1,4%, enquanto outros serviços avançam 0,7%.

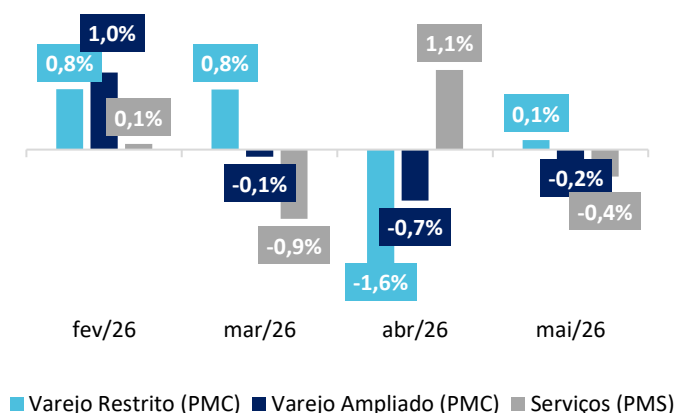
Os demais segmentos dos serviços, por sua vez, seguem indicando baixa tração na margem. Os serviços prestados às famílias cresceram apenas 0,2% em maio, sugerindo relativa estabilidade, mesmo em um contexto de maior impulso de políticas de sustentação da renda. Os serviços profissionais, por sua vez, avançaram 1,9%, mantendo trajetória de recuperação e contribuindo para alguma sustentação da atividade ligada ao mercado de trabalho e à renda. Já os serviços de informação, que mostram o maior dinamismo em uma tendência mais longa, ficaram estáveis no mês.

No varejo, a leitura também foi negativa, embora com composição relativamente heterogênea. Entre os dez segmentos pesquisados, apenas três apresentaram retração no mês: hipermercados/supermercados (-1,5%), equipamentos e materiais de escritório (-1,7%) e outros artigos de uso pessoal (-0,3%). Destes, o segmento de hiper/supermercados tem peso relevante no índice, enquanto os demais possuem menor participação relativa.

Por outro lado, segmentos mais associados ao crédito apresentaram desempenho positivo na margem. Móveis e eletrodomésticos avançaram 2,7% e registraram o primeiro resultado positivo do ano. Veículos (+1,8%) e material de construção (+2,1%) também contribuíram positivamente, ajudando a limitar a queda do índice agregado. Além disso, combustíveis e lubrificantes cresceram 1,1%, em movimento de correção após a retração de 5,8% observada no mês anterior.

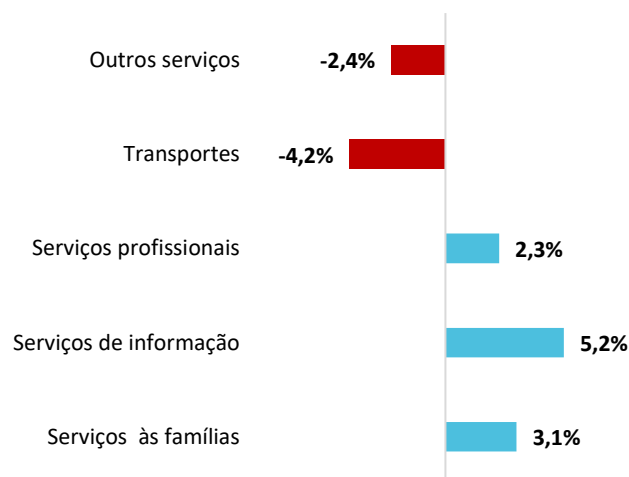
Em bases mais longas, os indicadores confirmam a perda de fôlego da atividade. O setor de serviços acumula crescimento de 2,6% em 12 meses, desacelerando em relação aos 2,9% registrados em abril. A média móvel trimestral, por sua vez, aponta recuo de 0,3%, reforçando a leitura de moderação no ritmo de expansão do setor. No varejo, o índice restrito acumula alta de 1,4% em 12 meses, mantendo a trajetória de perda de tração. Já o varejo ampliado, mais volátil, encerrou maio praticamente estagnado nessa métrica, com crescimento de apenas 0,1%.

Quadro 3: Indicadores de Atividade
Var. % mensal



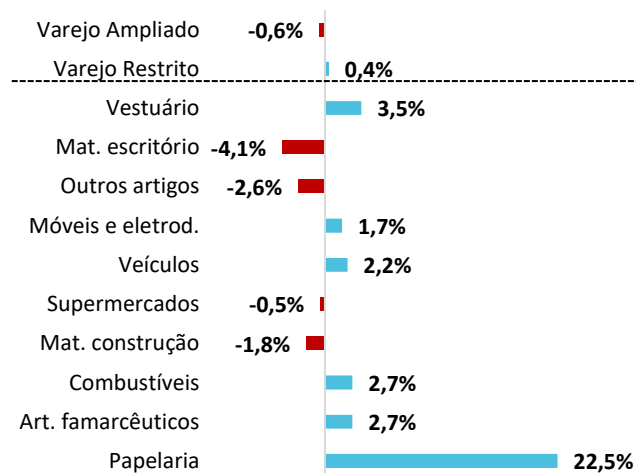
Fonte: IBGE

Quadro 4: Setor de Serviços – Por Atividade
Var. (%) Interanual (t/t-12)



Fonte: IBGE

Quadro 5: Vendas no Varejo – Por Atividade
Var. (%) Interanual (t/t-12)

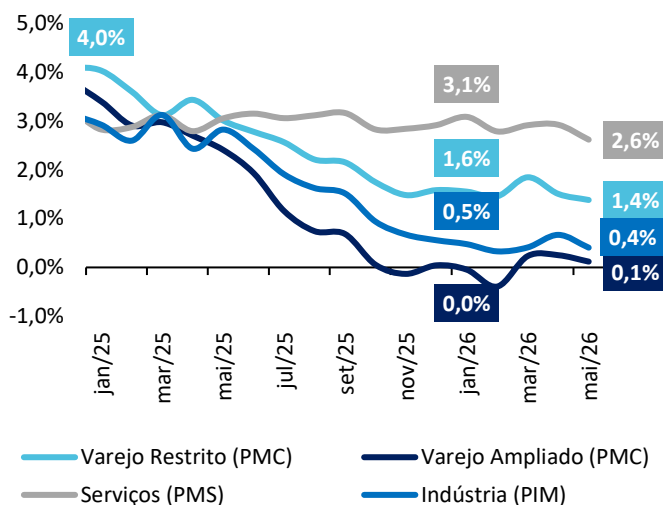


Fonte: IBGE

Essa perda de dinamismo também aparece nos carregamentos estatísticos. Para o 2T26, o *carry-over* dos serviços é de 0,2%, enquanto o carregamento para o ano está em 0,9%. No varejo, o carregamento para o 2T26 é negativo, com quedas de 0,6% no conceito ampliado e de 0,8% no restrito. Para o ano, os carregamentos permanecem positivos, em 1,6% e 1,4%, respectivamente, mas já indicam menor contribuição do setor para o crescimento da atividade.

Dessa forma, os dados de maio reforçaram uma leitura de perda de tração nos principais indicadores de atividade. As surpresas negativas em serviços e varejo, somadas à fraqueza já observada na indústria no mês, sugerem uma economia com menor ímpeto na margem. Ainda assim, esse movimento ainda não sugere uma deterioração disseminada. Parte dos estímulos associados à ampliação do crédito e ao impulso fiscal podem oferecer algum suporte adicional à atividade no segundo semestre de 2026. No entanto, os dados mais recentes indicam que esses efeitos ainda não têm sido suficientes para reverter esse cenário, mantendo a tendência de acomodação gradual da economia, compatível com um crescimento próximo a 2% no ano.

Quadro 6: Indicadores de Atividade
Var. (%) Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

EUA e Irã retomam ataques no Oriente Médio e preço do petróleo volta a subir

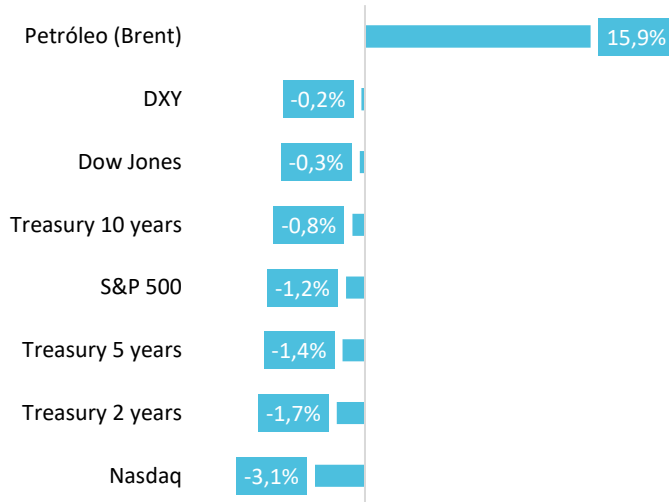
A última semana foi marcada pela ruptura definitiva do cessar-fogo entre EUA e Irã, firmado em meados de junho. Após ataques iranianos a embarcações comerciais no Estreito de Ormuz, os EUA reinstauraram o bloqueio naval sobre o país e retomaram os ataques militares, enquanto o Irã voltou a fechar o estreito e a atacar bases norte-americanas na região. Com isso, o preço do barril de petróleo (Brent) subiu quase 16%, superando a marca de US\$ 85. Nesse contexto, as bolsas fecharam a semana em queda, com novas preocupações com o *valuation* das empresas de tecnologia, movimento parcialmente compensado pelos balanços positivos dos principais bancos norte-americanos (ver pgs. 10 e 11).

Quanto aos indicadores, os dados de inflação dos EUA indicaram alívio em junho, revertendo parte da pressão observada nos últimos três meses em função da guerra no Oriente Médio. A inflação ao consumidor (CPI) recuou 0,4% no mês, abaixo do esperado pelo mercado (-0,1%), refletindo o recuo do preço da gasolina (-9,7%), parcialmente compensado pelas altas no preço do gás encanado (+0,5%) e dos alimentos (+0,2%). No acumulado 12 meses, o CPI desacelerou para 3,5% (ante 4,2%), enquanto o núcleo saiu de 2,9% para 2,6%. Já o índice de preços ao produtor (PPI) recuou 0,3% em junho, puxado também pelos preços de energia (-6,4%). Em 12 meses, o PPI desacelerou de 6,0% para 5,5%. Os números fortaleceram as apostas de manutenção dos juros pelo Fed em sua próxima reunião e reduziram os rendimentos dos *Treasuries*.

No campo da atividade, as vendas do varejo dos EUA mostraram novos sinais de resiliência do consumo. As vendas subiram 0,2% em junho (ante 1,0% em maio), desacelerando em função da queda dos preços da gasolina, que reduziu o valor nominal no segmento em 5,3%. Excluindo esse componente, o consumo das famílias subiu 0,7%, beneficiado inclusive pela realização da Copa do Mundo FIFA.

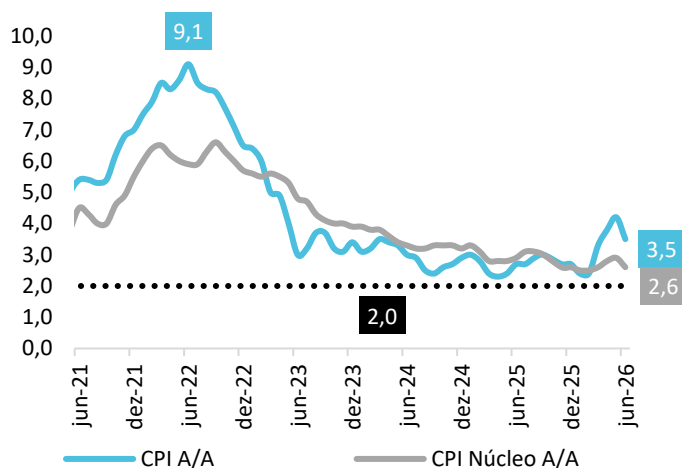
Na China, o PIB do 2T26 avançou 4,3% na comparação anual, abaixo do esperado (+4,5%) e o menor ritmo de crescimento desde o 4T22 (+2,9%). O setor imobiliário permanece como o principal foco de fragilidade da economia, assim como o consumo interno, enquanto as exportações seguem como o principal vetor de sustentação da atividade. Nesse sentido, os dados da balança comercial vieram mais fortes do que o esperado em junho. As exportações avançaram 27,0% ante jun/25, impulsionadas pelas vendas de semicondutores, diante da corrida por infraestrutura no segmento de IA. Já as importações avançaram 36,0%, nível mais forte dos últimos 5 anos.

Quadro 7: Indicadores de mercado
Var. % semanal



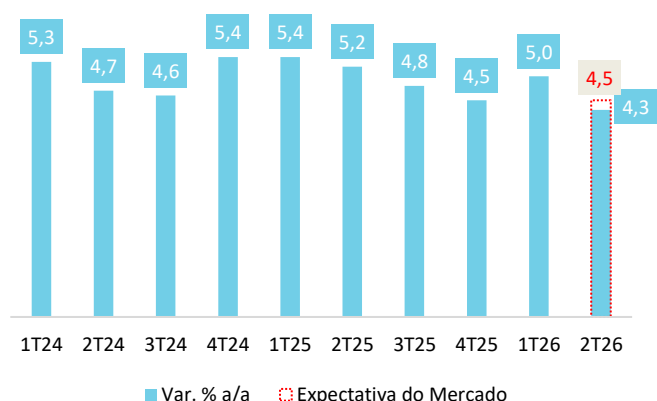
Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % a/a



..... Meta de Longo Prazo
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: China – PIB
Var. % ante o mesmo período do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

The Banker Top 1.000 World Banks 2026

CRÉDITO / BANCOS

Nesta semana, dando sequência à análise das informações do banco de dados The Banker (Financial Times), que traz o ranking Top 1000 World Banks com dados referentes ao ano de 2025, exploramos as informações de Lucro Líquido e Rentabilidade dos maiores conglomerados financeiros do mundo. Para calcular a rentabilidade, a The Banker considera o lucro líquido da instituição em relação ao Capital Nível 1, métrica conhecida como ROC (*return on capital*). Em geral, a análise de rentabilidade é feita sob a ótica do ROE (retorno sobre o patrimônio ou *return on equity*), mas a revista adota o primeiro conceito. Uma hipótese para tal preferência é que o Capital Nível 1 (em vez de todo o *equity*) seria uma medida mais comparável em nível internacional, dados os requisitos de Basileia. Além disso, para as comparações anuais, consideraram-se apenas os bancos que possuem informações em todos os períodos avaliados, removendo possíveis efeitos da entrada/saída de instituições. Outro *disclaimer* importante é que, para uma comparação internacional mais justa, em nossa avaliação seria necessário descontar o custo de capital médio da rentabilidade nominal (ROC), a fim de identificar o excesso de retorno em cada país. Contudo, para simplificar a análise, apresentaremos apenas o ROC nominal (sem desconto do custo de capital).

O Quadro 10 apresenta os 10 bancos mais rentáveis (ROC) do ranking em 2025 e todos os bancos brasileiros que fazem parte da lista (com sua respectiva posição). A lista geral é liderada por três bancos sul-americanos, sendo dois brasileiros. O Nubank, com ROC de 64,2%, lidera o ranking, seguido pelo colombiano GNB Sudameris (45,7%); o brasileiro C6 (44,7%) fecha o Top 3. No caso dos brasileiros, são instituições com estrutura física e de capital mais enxuta do que os bancos incumbentes; suas carteiras de crédito são focadas no segmento de pessoa física, em geral em produtos mais arriscados/rentáveis; e não fazem parte do segmento prudencial S1 (do BCB), possuindo carga regulatória mais leve do que os maiores *players*. Vale mencionar, ainda, que em geral é mais fácil obter maior rentabilidade em instituições de menor porte do que nas maiores, que, por sua vez, tendem a apresentar resultados mais estáveis.

Quadro 10: Ranking por Rentabilidade (ROC)

Ranking ROC 2025	Banco	País	ROC	Lucro Líquido (US\$ mi)	Capital Nível 1 (US\$ mi)	Capital Nível 1 Ranking	Ativo Total (US\$ mi)	ROA	ROA Ranking 2025
1	Nubank	Brazil	64,2%	2.871,7	4.472,5	375	74.893,9	3,8%	15
2	Banco GNB Sudameris	Colombia	45,7%	604,0	1.321,0	763	15.267,9	4,0%	14
3	Banco C6	Brazil	44,7%	524,1	1.172,2	805	26.905,5	1,9%	103
4	Commercial International Bank	Egypt	44,1%	1.727,0	3.914,3	407	30.285,4	5,7%	4
5	Banca Generali	Italy	43,2%	525,5	1.216,2	788	21.713,0	2,4%	55
6	Kaspi Bank	Kazakhstan	43,0%	1.130,6	2.628,9	522	18.667,8	6,1%	3
7	American Express Company	US	37,4%	10.803,0	28.888,0	86	300.052,0	3,6%	19
8	Bank Pasargad	Iran	36,7%	8.846,9	24.090,3	96	305.741,4	2,9%	40
9	Capitec Bank Holdings	South Africa	35,8%	1.058,3	2.956,4	486	16.548,3	6,4%	2
10	Ardshinbank	Armenia	35,7%	359,4	1.006,7	870	7.002,2	5,1%	8
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
67	Banco BTG Pactual	Brazil	23,0%	3.029,8	13.179,4	171	147.145,7	2,1%	91
76	Itau Unibanco Holding	Brazil	22,0%	8.336,2	37.847,5	64	557.485,3	1,5%	209
119	Banco Safra	Brazil	19,4%	791,9	4.080,5	393	57.837,6	1,4%	238
135	Banco Daycoval	Brazil	18,7%	334,0	1.787,3	657	18.168,7	1,8%	128
136	Banco Inter	Brazil	18,7%	191,5	1.024,7	863	17.454,5	1,1%	366
183	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	Brazil	16,6%	311,7	1.873,4	631	29.792,5	1,0%	388
193	Banco da Amazonia	Brazil	16,4%	216,6	1.316,5	766	11.513,4	1,9%	119
195	Banco Bradesco	Brazil	16,4%	4.349,9	26.517,1	89	423.695,9	1,0%	398
280	Sicoob	Brazil	14,2%	167,7	1.181,5	802	34.916,3	0,5%	740
434	Caixa Economica Federal	Brazil	11,3%	2.965,3	26.263,9	90	402.269,2	0,7%	553
608	Banco do Brasil	Brazil	8,7%	3.051,3	35.053,5	72	446.389,7	0,7%	598
653	Banco XP	Brazil	8,1%	156,2	1.918,7	622	39.912,3	0,4%	809
933	Banco Cooperativo Sicredi	Brazil	2,8%	38,5	1.395,5	738	40.557,5	0,1%	968

The Banker Top 1.000 World Banks 2026

CRÉDITO / BANCOS

Nesse sentido, observa-se que o Top 10 é formado por instituições de menor porte (apenas duas no Top 100 de Capital Nível 1: American Express, dos EUA, e Pasargad, do Irã), enquanto o Nubank é o terceiro maior do grupo, ocupando a 375ª posição; as demais, em geral, figuram acima da 400ª colocação em Capital Nível 1.

Já os maiores bancos brasileiros (S1) aparecem, em geral, em posições intermediárias. O BTG (ROC de 23,0%, na 67ª posição) e o Itaú (22,0%; 76º) são os mais bem ranqueados, enquanto os demais figuram em posições mais modestas: Bradesco (195º), CEF (434º) e BB (608º). Ressalta-se que está sendo avaliada a rentabilidade nominal, ou seja, sem descontar o custo de oportunidade das instituições, que tem sido elevado no Brasil nos últimos anos em função da alta taxa Selic, de 14,4% a.a. na média de 2025.

Quadro 11: Ranking por Rentabilidade (ROC)
Top 10 entre os 200 maiores em Capital Nível 1 e maiores Brasileiros

Ranking ROC 2025	Banco	País	ROC	Lucro Líquido (US\$ mi)	Capital Nível 1 (US\$ mi)	Capital Nível 1 Ranking	Ativo Total (US\$ mi)	ROA	ROA Ranking 2025
1	American Express Company	US	37,4%	10.803,0	28.888,0	86	300.052,0	3,6%	3
2	Bank Pasargad	Iran	36,7%	8.846,9	24.090,3	96	305.741,4	2,9%	5
3	OTP Bank	Hungary	35,4%	5.661,1	15.995,7	147	138.321,3	4,1%	1
4	Grupo Financiero Banorte	Mexico	30,1%	3.441,6	11.451,1	188	144.611,2	2,4%	8
5	Alfa Bank	Russia	28,4%	3.296,9	11.599,3	184	165.549,4	2,0%	17
6	VTB Bank	Russia	25,8%	6.371,8	24.676,4	93	468.074,9	1,4%	37
7	Synchrony Bank	US	24,6%	3.552,0	14.464,0	156	119.095,0	3,0%	4
8	Powszechna Kasa Oszczednosci Bank Polski	Poland	23,4%	2.967,2	12.673,1	175	161.966,4	1,8%	23
9	Sberbank	Russia	23,0%	21.648,5	94.143,4	22	873.280,5	2,5%	7
10	Banco BTG Pactual	Brazil	23,0%	3.029,8	13.179,4	171	147.145,7	2,1%	14
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	Itaú Unibanco Holding	Brazil	22,0%	8.336,2	37.847,5	64	557.485,3	1,5%	33
50	Banco Bradesco	Brazil	16,4%	4.349,9	26.517,1	89	423.695,9	1,0%	71
109	Caixa Economica Federal	Brazil	11,3%	2.965,3	26.263,9	90	402.269,2	0,7%	114
159	Banco do Brasil	Brazil	8,7%	3.051,3	35.053,5	72	446.389,7	0,7%	131

Fonte: The Banker

O Quadro 11, por sua vez, traz as instituições mais rentáveis do mundo em 2025 considerando apenas os 200 maiores bancos em Capital Nível 1, ou seja, restringindo a amostra às maiores instituições em termos de capital (volume de Capital acima de US\$ 11 bi). Nesse recorte, fazem parte da amostra os 5 maiores bancos do Brasil (Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Caixa e BTG). Observa-se que a American Express, dos EUA, é a mais rentável do grupo, com ROC de 37,4%. Em seguida, aparecem o Bank Pasargad (36,7%) e o OTP Bank, da Hungria (35,4%). Os EUA ainda possuem mais um banco entre os mais rentáveis (Synchrony Bank, 24,6%). O BTG, brasileiro mais bem colocado, fica na 10ª posição, enquanto o Itaú ocupa a 13ª. O Bradesco, outra instituição privada, fica na 50ª posição, enquanto os bancos públicos: Caixa (109º) e Banco do Brasil (159º) ocupam colocações de menor destaque.

O Quadro 12 apresenta os resultados consolidados por região e países selecionados. De forma agregada, os 1.000 maiores bancos do mundo registraram lucro líquido de US\$ 1,4 tri em 2025, crescimento de 12,3% ante 2024. A rentabilidade (ROC) agregada ficou em 11,6%, com ligeira alta (+0,2 p.p.) ante o ano anterior. O aumento do lucro foi difuso entre as regiões, com destaque, entre as mais representativas, para a Europa, que registrou alta de 17,3% em dólar, em boa parte explicado pela valorização do euro no período, o que explica a alta de apenas 0,3 pp do ROC, para 12,2%. Na América do Norte, a expansão do lucro também foi de dois dígitos (+10,3%), com alta mais acentuada da rentabilidade (+0,8 p.p., para 13,7%). Na Ásia, o lucro líquido do setor subiu 9,2%, puxado pelo forte desempenho dos bancos japoneses (+75,6%), em função da normalização monetária no país, com o fim do período de juros negativos, que impulsionou a margem líquida de juros, após anos em patamar deprimido. Na China, o crescimento do lucro foi de apenas 5,8%, enquanto a rentabilidade voltou a cair (-0,4 p.p.), para 8,3%, menor nível entre os principais países do mundo, reforçando os sinais de dificuldade do setor bancário chinês, penalizado pelo ambiente de baixas taxas de juros, demanda interna enfraquecida e problemas no setor imobiliário.

Na América do Sul, o lucro consolidado ficou estável, enquanto a rentabilidade caiu 3,0 p.p., para 15,4%. O resultado esconde divergências expressivas entre os bancos da região. De um lado, os argentinos registraram retração de 96,1% do lucro no ano, com rentabilidade de apenas 1,0% (ante 24,2%), em função do fim dos ganhos inflacionários artificialmente elevados em operações com Leliqs (títulos do BC argentino). De outro, os bancos brasileiros, os mais relevantes da região, apresentaram avanço de 20,3% no lucro, impulsionado pela apreciação cambial (queda de 11,4% do dólar), mas com recuo de 0,9 p.p. da rentabilidade, para 17,2%, pressionada especialmente pelos bancos públicos, mais expostos ao aumento da inadimplência e aos casos de recuperação judicial (RJ) no setor agropecuário.

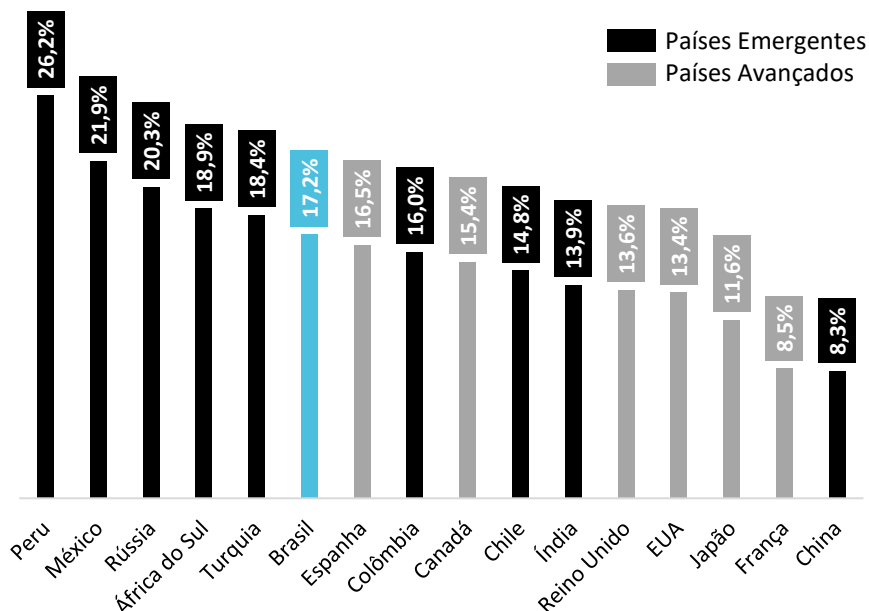
Por fim, o Quadro 13 traz a comparação da rentabilidade (ROC) para os principais países da amostra em 2025. É possível observar que os bancos do Brasil apresentaram rentabilidade moderada no período, de 17,2%, pouco abaixo da mediana dos países emergentes (17,8%). Nos primeiros lugares, aparecem bancos do Peru (26,2%), México (21,9%) e Rússia (20,3%). Por outro lado, os bancos da China (8,3%) seguem como os menos rentáveis. Entre os países avançados, destacaram-se positivamente os bancos da Espanha (16,5%), Canadá (15,4%) e Reino Unido (13,6%). Já os bancos franceses (8,5%) seguiram como os menos rentáveis, superiores apenas aos da China, considerando toda a amostra (emergentes e avançados).

Em síntese, os dados de 2025 mostram um setor bancário global mais rentável, impulsionado, em parte pelo efeito cambial, normalização monetária em economias avançadas (Japão) e pela força dos bancos norte-americanos. Os bancos brasileiros aparecem em posição intermediária, pressionados pelo desempenho das instituições públicas. Cabe reforçar, no entanto, que a leitura por rentabilidade nominal tende a favorecer países com juros elevados, como o Brasil, isto é, sem levar em conta o custo de oportunidade do capital em cada país.

Quadro 12: Lucro Líquido e Rentabilidade (ROC) por Região e País

Região/País	Nº de bancos	Lucro Líquido (US\$ bi)	Var. % (25/24)	ROC	Var. pp (25/24)
Ásia e Pacífico	383	571,2	9,0%	9,3%	0,0
China	143	346,4	5,8%	8,3%	0,4
Japão	81	53,6	75,6%	9,6%	4,1
Índia	29	44,4	-4,0%	13,9%	1,1
Coreia do Sul	12	18,6	12,5%	9,4%	0,4
Europa	209	327,3	17,3%	12,2%	0,3
França	6	47,3	24,5%	8,5%	0,6
Reino Unido	24	59,9	10,9%	13,6%	0,2
Espanha	14	45,8	20,7%	16,5%	0,4
Suíça	37	19,8	23,5%	8,0%	0,8
Alemanha	21	20,1	37,3%	8,4%	1,5
América do Norte	196	314,2	10,3%	13,7%	0,8
EUA	181	259,6	6,4%	13,4%	0,5
Canadá	12	53,2	34,1%	15,4%	2,8
Oriente Médio	65	86,8	16,5%	15,7%	0,2
América do Sul	42	38,6	0,0%	15,4%	3,0
Brasil	15	27,3	20,3%	17,2%	0,9
Chile	6	3,5	17,1%	14,8%	0,1
Europa Leste e Central	37	56,9	38,9%	21,6%	0,7
Rússia	15	38,9	43,1%	20,3%	1,6
África	33	20,9	12,1%	19,6%	1,2
África do Sul	6	9,6	13,9%	18,9%	0,6
América Central	20	9,7	12,7%	19,9%	0,4
México	9	6,9	17,7%	21,9%	0,3
Ásia Central	8	4,7	12,1%	26,9%	1,9
Caribe	7	2,0	2,9%	23,7%	0,0
Total	1.000	1.432,3	12,3%	11,6%	0,2

Fonte: The Banker

Quadro 13: Rentabilidade (ROC) em 2025 – Em %


Fonte: The Banker.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 2º tri/26

CRÉDITO / BANCOS

Os principais bancos dos EUA divulgaram os resultados referentes ao segundo trimestre de 2026, que superaram as expectativas do mercado. As instituições se beneficiaram novamente do desempenho recorde das divisões de negociação, sobretudo de ações, diante da elevada volatilidade dos mercados, associada às tensões geopolíticas no Oriente Médio. Outro fator positivo foi a retomada da unidade de banco de investimento, com destaque para IPOs relevantes no período, especialmente no setor de tecnologia (como o da SpaceX). No varejo, o cenário permaneceu benigno, com relativa melhora dos indicadores de qualidade do crédito, refletindo consumidores ainda saudáveis, apesar das preocupações com a inflação e o choque recente dos preços do petróleo.

Quadro 14: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 2º tri/26

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo	Goldman Sachs
Lucro Líquido US\$ bi	21,2	5,8	9,1	6,4	6,6
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	7,70 / 6,14* (5,72)	3,15 (2,74)	1,21 (1,13)	2,00 (1,71)	20,98 (14,48)
ROE anualizado (trimestre)	24,0%	11,4%	12,7%	15,0%	23,5%
Receita US\$ bi	58,0	24,8	31,6	22,6	20,3
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	2,5	2,5	1,4	0,9	0,1
Carteira de Crédito US\$ bi	1.542,5	793,7	1.217,6	1.031,1	261 mi

Fonte: RI dos bancos. Expectativas: Bloomberg/LSEG.

JP MORGAN: registrou lucro líquido de US\$ 21,2 bi (US\$ 7,70 por ação) no 2T26, recorde histórico para um único trimestre da instituição e alta de 41,2% ante o 2T25. Contudo, o resultado contém efeitos extraordinários relevantes (US\$ 5,6 bi antes dos impostos), referentes a dois eventos: i) US\$ 4,6 bi de valorização das ações da Visa, que estavam com restrição de negociação e eram mantidas a valor histórico no balanço, passando a ser marcadas a mercado; e ii) US\$ 1,0 bi da reprecificação de participações em empresas de capital fechado ao valor justo. Excluindo tais efeitos, o lucro líquido teria sido de US\$ 16,9 bi, ainda assim com alta de 12,8% ante o mesmo período do ano anterior e com resultado por ação acima das estimativas de mercado (US\$ 6,14 ante US\$ 5,72). O ROE reportado atingiu 24,0%, enquanto o indicador excluindo os efeitos extraordinários ficou em 23,0%.

As receitas, excluindo os itens extraordinários, totalizaram US\$ 52,4 bi (+14,8% ante o 2T25), acima do esperado (US\$ 50,2 bi), com recordes em todas as linhas de negócio. O destaque ficou por conta da unidade de banco de investimento e mercados (+27%), beneficiada pelos ganhos em negociações, com a receita de ações saltando 86%, refletindo o ambiente de forte volatilidade do mercado. Já a receita da unidade de varejo subiu 8%, liderada pelo segmento de consumo. A receita líquida de juros (NII) subiu 9,9% no comparativo anual, beneficiada pelo crescimento da base de depósitos e do saldo de linhas rotativas. A carteira de crédito do JP Morgan subiu 9,2% em 12 meses, atingindo US\$ 1,543 tri. Por fim, o CEO Jamie Dimon destacou a resiliência da economia norte-americana, apoiada pelo investimento em IA, mas ponderou haver "diversos riscos" no cenário macro, citando tensões geopolíticas, inflação persistente e elevados déficits fiscais.

CITI: registrou lucro líquido de US\$ 5,8 bi no 2T26 (US\$ 3,15 por ação), bem acima do esperado (US\$ 2,74). O resultado equivale a um avanço de 45,1% ante o 2T25, mantendo o ROE em patamar de dois dígitos (11,4%). O resultado positivo refletiu tanto o avanço da receita quanto o recuo das provisões. A receita total ficou em US\$ 24,8 bi, melhor marca trimestral em uma década, com alta de 14,3% em 12 meses e acima do esperado (US\$ 23,7 bi). O bom desempenho foi disseminado entre os segmentos, com destaque para a divisão de banco de investimento (+34,0%), impulsionada pela retomada das emissões de ações e de dívida corporativa, em um ambiente favorável de mercado.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 2º tri/26

Já a PDD recuou 12,2% ante o 2T25, explicada por uma base de comparação elevada, que incluía provisões relacionadas ao processo de desinvestimento em países como Rússia e Argentina. Por fim, a carteira de crédito do Citi cresceu 9,4% no ano, atingindo US\$ 793,7 bi. O banco também anunciou forte retorno de capital, com *payout* de 92% no trimestre e um novo programa de recompra de US\$ 30 bi.

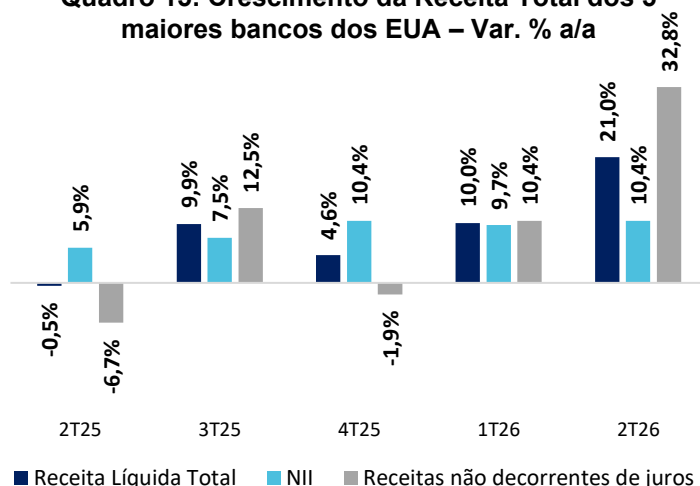
BofA: registrou lucro líquido de US\$ 9,1 bi no trimestre, com altas de 5,7% e 26,6% ante o trimestre anterior e o mesmo período do ano anterior, respectivamente. O lucro por ação foi de US\$ 1,21, acima do esperado (US\$ 1,13). O ROE (anualizado) atingiu 12,7%, o maior nível desde o 2T21. A receita total ficou em US\$ 31,6 bi, nível recorde para a instituição, acima das expectativas (US\$ 30,7 bi) e com alta de 15,0% em 12 meses. O destaque foram as expansões de dois dígitos das receitas de mercados globais (+34,1%), em função dos ganhos com negociação de ações (+70%) em meio à volatilidade dos ativos no período, além da gestão de patrimônio (+15,7%), com alta nas tarifas de administração (+19%). O banco de investimento também se destacou, com as tarifas subindo 50%. A margem líquida de juros (NII) subiu 9,0%, em razão do maior volume de depósitos e da reprecificação de ativos de taxa fixa. Nesse sentido, a carteira de crédito do BofA cresceu 6,2% em 12 meses, atingindo US\$ 1,218 tri. Do lado dos custos, a PDD registrou leve alta no trimestre (+2,2%), mas com recuo expressivo em 12 meses (-14,2%), refletindo a melhora dos indicadores de inadimplência.

WELLS FARGO: obteve lucro líquido de US\$ 6,4 bi no 2T26 (US\$ 2,00 por ação), acima do esperado (US\$ 1,71), com altas tanto no trimestre (+22,0%) quanto na comparação anual (+16,6%). O ROE atingiu 15,0%, maior nível desde 2017, após a remoção do teto de ativos de US\$ 2 tri imposto pelo Fed por cerca de sete anos. O fim da medida também tem permitido um avanço da carteira de crédito (+11,5%), que atingiu US\$ 1,031 tri. As receitas totalizaram US\$ 22,6 bi, acima do esperado (US\$ 21,8 bi), com alta de 8,6% ante o 2T25, apoiadas na expansão da carteira de veículos. A divisão de trading e banco de investimento avançou 16,1%, diante dos ganhos com negociação de ações (+64%) e comissões (+20%), em um mercado de capitais aquecido. A PDD recuou 9,1% em 12 meses, refletindo a melhora na qualidade do crédito (queda na taxa de *write-off*). Por fim, vale destacar o desempenho da margem líquida de juros (NII), que atingiu US\$ 12,3 bi, com alta de 5,2%, abaixo de seus pares, em função de depósitos mais caros, ponto que vem sendo apontado por alguns analistas como um limite para um desempenho mais expressivo da instituição.

GOLDMAN SACHS: registrou lucro líquido de US\$ 6,6 bilhões no trimestre (US\$ 20,98 por ação), superando o consenso de mercado (US\$ 14,48) e o melhor desempenho trimestral dos últimos cinco anos, com crescimento de 17,7% frente ao trimestre anterior e de 78,0% ante o 2T25. O ROE atingiu 23,5%, contra uma média de 13,8% entre 2024 e 2025. A receita total somou US\$ 20,3 bilhões, alta de 39,5% ante o 2T25, novamente com destaque para o segmento de negociação de ações (+72,0%). O banco de investimento também surpreendeu positivamente (+55,0%), com destaque para a subscrição de ações (+130%), impulsionada por novas ofertas e aberturas de capital. Vale notar que, embora o período tenha incluído o IPO recorde da SpaceX, o CEO David Solomon declarou que a operação foi "imaterial" para o resultado.

A receita líquida total dos 5 maiores bancos dos EUA atingiu US\$ 156,6 bi, recorde da série (desde 2017), com alta expressiva de 21,0% no 2T26 (ante o 2T25), o que explica a melhora dos resultados. O Quadro 15 decompõe a expansão da receita total entre receitas de juros (NII) e não decorrentes de juros. Observa-se que, no 2T26, as receitas não decorrentes de juros (+32,8%) lideraram os ganhos, impulsionadas pelo forte desempenho dos segmentos de *trading* e banco de investimento, em meio à volatilidade do mercado e ao ambiente favorável de IPOs, especialmente no setor de tecnologia. Já o crescimento da receita de juros (NII), estabilizou-se no patamar de 10% nos últimos trimestres, refletindo uma dinâmica mais constante do segmento de varejo no período.

Quadro 15: Crescimento da Receita Total dos 5 maiores bancos dos EUA – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg. Elaboração: Febraban.

Regulação BCB

CRÉDITO / BANCOS

Resolução BCB nº 575 amplia o rol de titulares de contas em moeda estrangeira no país

Publicada em 18 de junho de 2026, a [Resolução BCB nº 575](#) altera as Resoluções BCB nº 277 e nº 278, no âmbito da regulamentação da Lei nº 14.286/2021 (Marco Legal do Câmbio). A norma amplia o conjunto de pessoas autorizadas a manter contas de depósito em moeda estrangeira no Brasil, dando continuidade ao processo de regulamentação das contas em moeda estrangeira previsto no novo arcabouço cambial.

Com a mudança, passam a ser admitidos como titulares dessas contas cinco novos grupos, incorporados aos incisos XII a XVI do art. 70 da Resolução nº 277:

- (i) pessoas jurídicas exportadoras de bens;
- (ii) pessoas jurídicas residentes devedoras de crédito externo;
- (iii) sociedades sediadas no país com participação direta de não residente no capital social;
- (iv) pessoas jurídicas não residentes credoras de crédito externo a residentes; e
- (v) pessoas jurídicas não residentes com participação direta no capital de sociedade sediada no país.

Para as exportadoras de bens, a norma permite manter no país recursos em moeda estrangeira decorrentes de receitas de exportação e de outros valores oriundos do exterior, sem conversão imediata para reais. A conversão passa a ser exigida apenas quando os valores forem destinados a obrigações no mercado doméstico, mediante operação de câmbio.

Para os demais grupos: devedores de crédito externo, credores não residentes e empresas ou investidores ligados a investimento estrangeiro direto (IED), os créditos e débitos nas contas devem decorrer exclusivamente de operações de crédito externo ou de IED.

Os recursos podem ser mantidos na conta, reutilizados nas operações correspondentes ou remetidos ao exterior, observada a regulamentação de capital estrangeiro no país.

A Resolução dispensa a contratação de operação de câmbio nas transferências de recursos entre essas contas, inclusive quando houver conversão entre moedas estrangeiras. Permanecem vedados, contudo, os saques e depósitos em espécie e a movimentação por cheques, além da exigência de conversão para reais, via câmbio, sempre que os valores forem utilizados no mercado interno.

Em resumo, a norma dá sequência à regulamentação das contas em moeda estrangeira prevista no Marco Legal do Câmbio, ampliando o rol de titulares autorizados e detalhando as condições de movimentação. As salvaguardas relativas à conversão cambial para uso doméstico e aos controles de prevenção à lavagem de dinheiro permanecem em vigor.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	17/07/2026	10/07/2026	19/06/26	Viés	17/07/2026	10/07/2026	19/06/26	Viés
IPCA (%)	5,15	5,16	5,33	▼	4,20	4,20	4,15	↔
PIB (% de crescimento)	1,99	1,99	1,98	↔	1,65	1,65	1,70	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	14,00	14,00	14,00	↔	12,00	12,00	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,20	↔	5,28	5,28	5,27	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	17/07/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,11	0,06%	-0,97%	-6,63%	-7,83%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	125,56	1,61%	0,65%	-9,34%	-14,77%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,07	-0,27%	-0,60%	-5,57%	-5,66%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,06	1,17%	0,33%	1,85%	-4,75%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,53	2,16%	2,62%	7,83%	5,80%
Índice Ibovespa (em pontos)	173.714,08	-2,33%	0,98%	7,81%	28,14%
IFNC (setor financeiro)	18.542,68	-2,69%	2,86%	7,21%	23,62%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,18	-0,74%	0,11%	21,12%	6,97%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,55	-0,30%	1,84%	10,32%	2,16%
Dollar Index	100,77	-0,19%	-0,42%	2,57%	2,06%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.457,69	-1,55%	-0,56%	8,14%	18,43%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	188,86	0,89%	4,17%	14,08%	32,09%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	149,04	2,14%	2,50%	18,98%	21,68%
Índice Euro Stoxx 50	6.230,87	-0,62%	-1,54%	7,50%	15,88%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	296,03	-1,17%	0,79%	12,22%	45,01%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	88,10	15,91%	20,82%	42,28%	26,73%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins